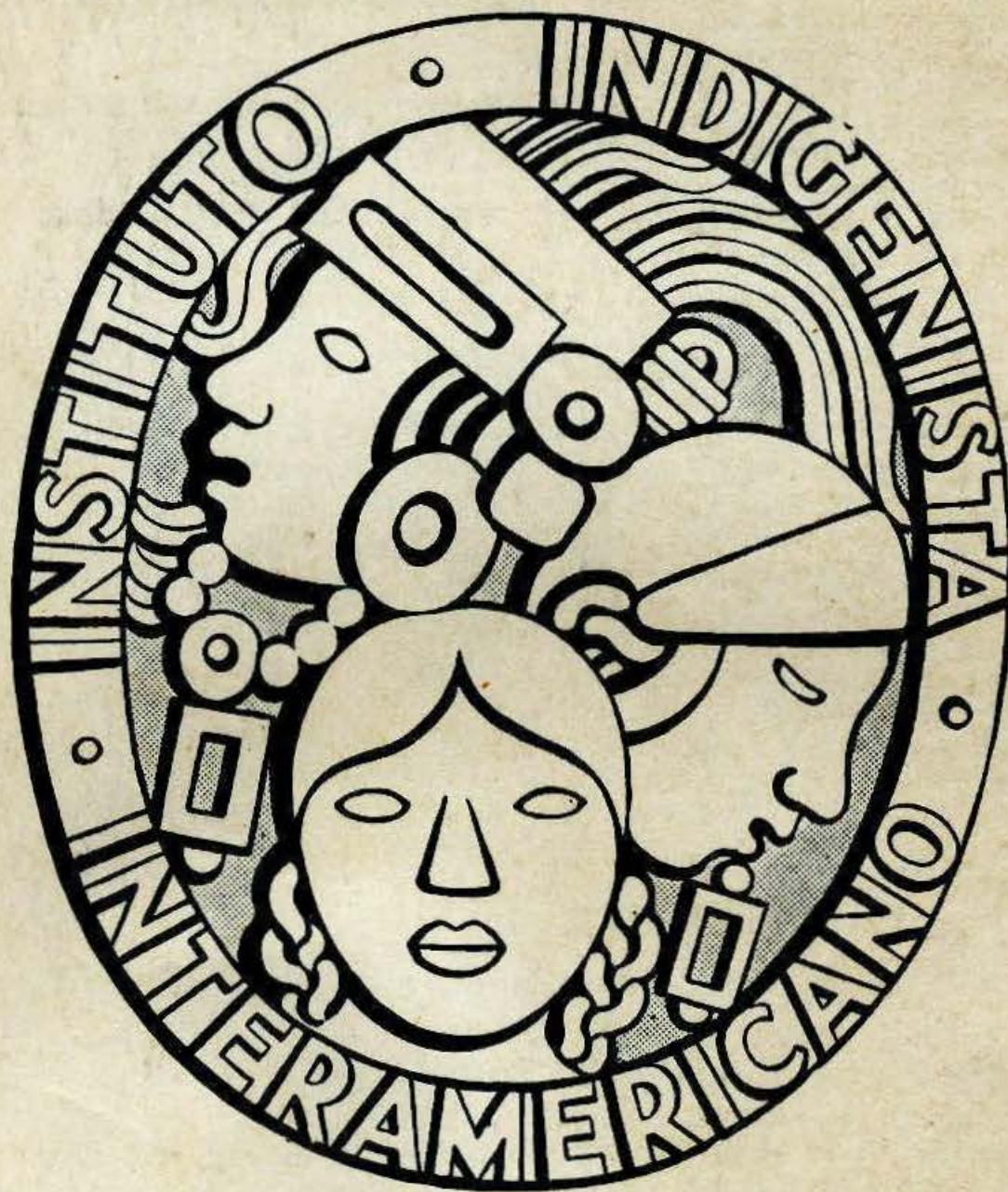


# AMERICA INDIGENA

ORGANO TRIMESTRAL DEL INSTITUTO INDIGENISTA INTERAMERICANO

*W8*



Vol.  
X

Núm.  
4

OCTUBRE, 1950  
MEXICO, D. F.

# MEDICINA E MANEIRAS DE TRATAMENTO ENTRE OS INDIOS PARIUKUR (ARUAK)

Por EURICO FERNANDES  
(Brasii)

## Summary

It is with difficulty that the Pariukur Indian accepts that his ailments are something natural and human; he always considers them rather as a result of supernatural forces.

Medicine and the treatment of the sick is always in the hands of the "pagés" or "iramrés" as the witch doctors and medicine men of the tribe are called.

Among them, there also exists the "Urucru", who without acting with supernatural forces, knows, however, how to carry sickness and death to others, by various means.

The most frequent diseases among these Indians are colds, parasitosis and malaria; pneumonia also makes victims.

Leprosy and cancer are unknown ailments; even though they have had frequent contact with lepers there has been no contagion. May it be that these Indians have a specific immunity to leprosy? Cases of colibacilosis, mange and throat swellings are frequent but hardly ever make victims. Diseases of the heart and blood vessels are very scarce and no persons afflicted with heart failure, hardening of the vessels or hypertension were observed. Maladies produced by streptococcus and staphylococcus are relatively frequent; no cases of insanity, blindness or birth deformities were observed, and only one epileptic and one deaf-mute.

Neither did we find venereal diseases. Phylariosis is unknown. Women do not practice abortion unless under recommendation of the "pagé", and only in very special cases. There is no treatment during pregnancy, and childbirth is something entirely natural in which abnormalities occur only exceptionally.

After bearing, women go back to their normal duties and the husband practices the "couvade". In spite of the fact that there is 100 % of malaria and 85 % of intestinal parasitosis, and that most of the people are afflicted with liver deficiencies, we did not observe any cases of organic misery, there being an average of 10.2 gr. of hemoglobine per 100 c. c. of blood. We found that every day, they ate a special clay which they called "Paraukama" and which under analysis proved to contain a high percentage of iron and manganese oxides.

Together with Dr. Ernani da Silva we made studies of Ciclemia incidence, without finding it in any of the 315 individuals examined. All were "universal donators" of blood and they all presented a positive Rh.

The treatments used for "leishmaniosis" and "fagedenic ulcer", ailments of the respiratory tract, malaria, liver diseases, milt diseases, kidney troubles, streptococcic and staphylococcic skin troubles and bowels troubles, piles, rheumatism, sexual neurasthenia (very uncommon), rupture, etc., were investigated.

It was also observed that they extract from the body of the patient, bones, seeds, thorns, etc., which the "pagé" as-

**ures have been placed there to cause the patient's death, and which he, the "pagé" frees the victim from by a method of suction with his own mouth.**

**Plants used as medicines are mentioned, as well as the way in which they are elaborated and applied.**

As enfermidades e as maneiras de tratamento entre os índios Pariukur não diferem, em muito, das dos demais Índios sul-americanos.

Muito difícil é aceitar o pariukur as suas doenças ou mesmo os seus revêses, como fato natural e humano; atribuem-nas sempre a forças demoníacas e, para isso, muito contribuem os "pagés" ou melhor, os "Iramrês", curandeiros, que, após as suas seções xamanísticas, sempre dizem ter visto isto ou aquilo, que se relaciona com as forças sobrenaturais, implicando na saúde ou na vida do indivíduo ou mesmo da comunidade.

Existem entre eles "pagés" ou "iramrês", como eles chamam aqueles, e que são indivíduos de ambos os sexos, dizendo-se advinhos, portadores de forças herdadas de outros "iramrês" e que possuem, em redor de si, um séquito de espíritos humanos e de animais. Esses espíritos são, ao mesmo tempo, seus sêrvos e protetores, sendo utilizados para a prática do bem, na cura das enfermidades, na conquista de um amor, no êxito de um negócio, de uma caçada, de uma lavoura, etc., ou do mal, na vingança, representada por todas as maldades concebíveis, desde a morte de um animal doméstico, por doença ou acidente, o estrago feito nas suas plantações por formigas, insetos outros, roedores, etc., até à variedade de doenças, desastres, aborrecimentos, abandono do companheiro ou companheira, mau êxito em caçadas, pescarias, lavoura e, finalmente, a morte do indivíduo atingido ou de pessoa querida, pela forma mais variada. São os "iramrês", os "pagés", os doutôres, propriamente, que conhecem os segredos de curar enfermidades, o que lhes foi transmitido por outros "iramrês", dos quais receberam o "maracá", objetos em cujo chocalhar está a invocação dos espíritos, acima ditos, nas suas seções xamanísticas, nas quais fumam desesperadamente e ficam em estado de transe, cantando em sua própria língua ou línguas desconhecidas e dialogando com espíritos humanos ou de animais que atendem aos seus chamados.

Independentes desses, ha, também, os feiticeiros, aos quais chamam "Urucru", que apesar de não serem possuidores de forças sobrenaturais aprenderam, entretanto, a fazer feitiçaria, tais como colocar insetos, vermes, ossos, espinhas, e batatas de tajás (aróideas), nos intestinos, na cabeça e nos ossos das suas vítimas.

Não raramente, feridas e doenças várias, são motivadas por essas maldades, feitas pelas citadas pessoas, que, mau grado não sêrem

“iramrês”, aprenderam com poderosos feiticeiros e têm conhecimentos para isso e para soprar á distancia em direção da vitima, mandando assim os seus maleficios, ou fumando um cigarro, cuja virtude da fumaça, jogada ao ar, é levar a pessoa determinada a maneira de sofrimento ou morte; a essa forma, dão êles o nome de “Uarraú”.

“Urucru” é, portanto, o feiticeiro que atua pelo que aprendeu, porém que não tem a faculdade de receber em sí espiritos outros, e, nem tão pouco, o seu espirito vagueia no espaço, pois não entra em transe como se verifica com o “iramrê”; pratica os seus maleficios ao natural.

Mesmo quando reconhecem em certas doenças, tais como a gripe, o sarampo, a variola, etc., o seu carater humano, acreditam todavia, terem sido trazidas por espiritos maus, inimigos da sua gente, e que as vão buscar em regiões remotas, trazendo-as para o meio da tribu com o desejo de extinção do povo pariukur, por simples maldade, ou então vingança de algum “iramré” (pagé), de povo extranho, debaixo das ordens do qual os espiritos estão agindo.

Epidemias, quase sempre, são mandadas por “iramrês” de outras nações indigenas, como a dos “Waiano”, “Emerenhon”, “Oiampi”, etc., ou então povos sobrenaturais de nações extintas, como a “Maié”, cujos espiritos ainda mantêm séria animosidade contra os pariukur, oriunda de guerras prehistoricas.

Quando estes se passaram, em parte, para a Guiana Francêsa, em 1901, e que uma epidemia de gripe os dizimou, em parte, atribuiram êles o fato, a castigo dos seus parente mortos, por terem abandonado os seus cemiterios em territorio brasileiro.

Mesmo assim, quando sabem que, aquí ou alí, tem qualquer dessas doenças: —gripe, sarampo, variola, etc., fogem com horror desses lugares e afastam-se das pessoas que tosem.

Se se verifica o fato de nascer uma criança fisicamente anormal, o que é raro, mas que sempre morre, —não nos foi dado verificar se praticam o infanticidio—, ou mesmo um caso de abôrto, onde o embrião ou féto não está bem demonstrado em seus caracteristicos, é sempre “filho de bicho” ou de algum espirito nêle transformado.

Todas as demais doenças, como tambem um parto mal sucedido, o que é raro, é “coisa mandada”, tem o seu autôr que póde sêr o mesmo mandatario, ou então está agindo por influencia de outrem, mediante pága.

Além das maneiras já citadas, a doença póde sêr “mandada”, através de beberagens, comida, ou por intermedio de objéto colocados nas casas e nos caminhos.

As enfermidades mais comuns entre os pariukur, são a gripe, a verminose, onde impéra o "Trichocephalus trichiurus" e o "Ancylostoma duodenale", e o paludismo; havendo sempre a inflamação dos olhos.

As que maior numero de vitimas causam, são a pneumonia, que muitas vezes, quando não fatal, imediatamente, é o inicio de uma inevitavel tuberculose, o sarampo, a variola e algumas enfermidades de origem intestinal.

A lépra, como em quase todas as tribus de indios que conhecemos e em algumas que temos noticia, é desconhecida, já nos tendo sido perguntado, por estudiosos e mesmo por leprólogos de gran valôr, como o Dr. Berní, sumidade francêsa, que desejam saber se conhecemos entre indios, casos de lépra e, em caso contrario, a que atribuímos essa não existencia.

Não se pôde dizer que não tenha havido contagio; fomos mesmo informados por velho comerciante francês que um seu conhecido e patricio, ainda no tempo que o Amapá éra contestado pelo Brasil e França, desenganado dos médicos e possuido da terrivel molestia, procurou refugio e tratamento entre os indios pariukur, vivendo ainda alí muitos anos, exercendo um pequeno comercio, com a sua casa constantemente cheia de indios e tendo filhos com mulher indigena. No entanto, nem um só caso ainda apareceu e a descendencia desse doente, vivendo em comum com êle, extinguiu-se já ultimamente vitima de outras doenças. No Rio Maroní, entre as Guianas Francêsa e Holandêsa, durante mais de meio século, indios viveram em promiscuidade com leprósos de um leprosário alí existente, trocando produtos de suas caçadas e pescarias, por objéto varios, inclusive roupas de uzo dos leprósos, as quais vestiam e havendo até relações sexuais entre indios e doentes; segundo fomos informados, em pesquisas alí feitas, nunca apareceu um indio leprôso, enquanto os moradôres visinhos, de descendencia áfra, que representa a grande população nêgra da região, estavam sendo seriamente afetados, segundo a crença geral e mesmo dos médicos.

Algumas pessoas têm nos perguntado e outras afirmado que os indios conhecem remédios para a lépra, não temos absolutamente conhecimento disso e pensamos mesmo que desconhecendo a doença, não podem conhecer o seu remédio.

Julgamos assunto para sêr discutido e estudado pelos entendidos, a fim de verificarem se se trata realmente de uma imunidade da qual sejam portadôres alguns grupos étnicos ou mesmo algumas tribus e se essa imunidade caso seja constatada, é natural, adquirida por quais-

quer uzos, hábitos ou alimentos que lhes sejam peculiares ou se já se tornou através de gerações natural, e qual o motivo.

Em 1944, apareceu entre os índios Galibí do Rio Uaçá, o índio Francisco Bernardo, com uma grande ferida na palma do pé e sintomas aparentes de lepra, como insensibilidade e placas semelhantes a leprômas, mas não só por falta de conhecimentos bastantes, como por não termos meios para procedermos a um exame, ficamos infelizmente na ignorância momentânea de um fato de tão grande importância.

Já no início de 1946, recebendo ali a visita do abalizado médico e homem de ciência Dr. Ernani Martins da Silva, do Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro, tivemos a satisfação de acompanhar esse grande estudioso pelas tribus indígenas nas pesquisas que levou a efeito tendo sido então constatado pelo exame do muco-nasal, que Francisco Bernardo, da tribo dos Galibí, era leprôso. Entramos então em minudências e viemos a saber que quando ainda pequeno, fôra retirado da tribo e levado para a Guiana Francêsa, onde viveu até se fazer homem, em casa de família portadora da mesma doença, voltando á tribo já mais ou menos com os seus vinte e poucos anos. Poder-se-ia atribuir á alimentação, no meio civilizado, ou a proprio ambiente desprovido de qualquer coisa que os outros tinham e que a êle faltára, a predisposição ao contagio?

Tambem ouvimos dizer, não verificando pessoalmente, entretanto, que, entre os índios Caiapó, do grupo Gê, do alto Xingú, existem alguns casos de lepra, isto dito por leigos, mas o certo é que não conhecemos entre os muitos índios por nós já estudados, senão o caso acima citado.

O cancer é tambem desconhecido, não tendo verificado nenhum caso em que pudesse sêr suspeitado de tal, mesmo internamente. Quanto á sífilis, acreditamos já existir em ráros individuos, não nos parecendo que o contagio seja muito facil, entre êles.

Outras doenças, como perturbações colibaciluricas, paludismo, sarna e inflamação de garganta e olhos, são comuns, porém raramente fazem vitimas e, isso mesmo, só quando vêm com complicações outras, se bem que, como dissemos atraz, algumas doenças dos intestinos fazem ás vezes vitimas; isso se dá mais na época da seca dos campos donde é tirada a agua que bebem, desenvolvendo-se quase sempre forte disenteria de forma epidemica.

Outras doenças, como as do coração, vasos, etc., são bastante raras, não tendo encontrado alguém que com sintomas de sêr cardiaco ou esclerotico e nenhum hipertenso, o que procuramos verificar com o medico acima citado.

As afeções estreptocócicas e estafilocócicas não são muito raras; casos de loucura, cegueira de nascença, não conhecemos e apenas encontramos um surdo-mudo, um epilético; não encontramos nenhum aleijado de nascença; não tivemos igualmente notícias de doenças venéreas, acreditando que não existissem.

A filarióse é desconhecida e apenas encontramos um caso de bócio em india de mais de 50 anos, e um caso de "leishmanióse", em rapaz de 18 anos, não encontramos, entretanto, nas redondezas o seu transmissor, o mosquito "Phlebotomus".

As doenças hepáticas, não deixam de ser frequentes, como é natural, uma vez que o paludismo é comum.

Os casos de gangrena e tetano são muito raros e só tivemos notícia de um caso de eclampsia e um de infecção puerperal "post-parto", isto pela descrição que nos fizeram das mortes das vítimas, e atribuíram como sempre a forças demoníacas, mandadas por algum feiticeiro.

Entretanto, já que falamos em parto, é preciso salientar que a mulher indígena não sofre nenhum tratamento prévio para o parto; muito naturalmente, sofre esse fenómeno, muitas vezes mesmo em plena mata, correndo ao igarapé mais próximo, para lavar-se e lavar o seu bebé, vindo em seguida entregá-lo ao marido que durante alguns dias, que não excedem de sete, guarda o resguardo, praticando assim a "couvade". Não se pôde alimentar de certas coisas que podem prejudicar a criança, como peixes que tenham ferrão, aves que arranhem o sólo, carne de veado, etc., e em absoluto, não pôde fazer esforço de especie alguma e muito menos carregar pesos. Entretanto a mulher, desde o primeiro dia, como se nada tivesse havido, entrega-se aos seus trabalhos habituais sem que isso possa ocasionar hemorragias e o mais curioso, é que nem mesmo os "lochios serosos" se fazem sentir. O umbigo da criança é cortado entre duas pedras ou com qualquer objeto cortante e em seguida, posto sobre o mesmo um emplato de tabaco e óleo de andiroba e com isso sára, sem nenhuma anormalidade.

Ha casos de reumatismo, cujo fundo não conhecemos e também algumas varizes. Tracôma apesar de ser notório a fácil existencia entre indios, não encontramos.

Verifica-se também a descalcificação de quase todos os individuos, e poucos são os que ainda têm bons dentes. Casos de asma e bronquites crônicas, também não encontramos. Um caso de paralisia dos membros inferiores, cuja origem não pudemos saber, encontramos num rapaz de 18 anos, acreditando, tratar-se de uma avitaminose, visto que após um mês de tratamento que lhe proporcionamos com vita-

mina B<sub>1</sub>, apresentou sensíveis melhoras, começando a andar, embora com certa dificuldade. Outras doenças também existem, porém em casos raros, conforme adiante veremos.

Com o cientista acima citado, Dr. Ernani Martins da Silva, foi feita também a dosagem de hemoglobina, entre vários pariukur, surpreendendo-nos o resultado, pois tendo constatado uma porcentagem de 100% de malariosos e 85% de verminóticos e verificando ainda as condições precárias de quase todos esses índios, com referência a fígado e baço, não encontramos um só em miséria orgânica, verificando a dosagem de hemoglobina de 8,6 a 14,2 gramas por 100 cc. de sangue e apresentando uma média de 10,2 por indivíduo. Verificou-se ainda que os alunos da Escola, que ali mantem o Serviço de Proteção aos Índios e que recebem por isso uma melhor assistência higiênica e alimentar, consumindo diariamente rações de leite integral, estão em condições mais satisfatórias. Surpreendeu-nos a média encontrada em outros grupos ribeirinhos, não índios, das circunvisinhanças, pois era de 6,3 e indivíduos haviam cuja dosagem descia a 3 gramas por 100 cc. de sangue.

Verificamos que os índios, diariamente, comiam um pouco de barro que, preparado, conservavam em suas casas. Era natural que isso fizessem, pois esse hábito é comum entre os verminóticos. Recolhemos uma porção do dito barro, ao qual dão o nome de "Paraukamã" e mandamos uma amostra ao Instituto Osvaldo Cruz, no Rio de Janeiro, que constatou grande porcentagem de Óxido de Ferro e Manganês. Instintivamente o índio faz o que nós outros precisamos que o médico nos diga.

Ainda com o saudoso cientista Dr. Ernani M. Silva, foram feitos estudos sobre a incidência de ciclemia, não apresentando um só indivíduo a ovalocitose característica, se bem que não pudesse ser desprezada a hipótese de cruzamento negroide em vários casos. Também foi verificado serem todos os índios examinados doadores universais de sangue e, com exceção de 4 lâminas prejudicadas, em 315 indivíduos, todos apresentaram Rh positivo.

Falemos agora de algumas doenças e de métodos de tratamento, precisando entretanto assinalar, que este é iniciado com um preparo feito pelo "pagé", em seção xamanística, com invocações, cânticos, chocalhar de "maracás", cigarros, transe, e depois, então a receita, isto, passadas horas de exaustivo trabalho, que às vezes dura a noite inteira. Jamais o "médico" examina ou prescreve o tratamento, sem ser em seção, e não é preciso dizer da importância de tudo isso e da influência que causa no estado do doente e se quisermos mesmo, na



enorme contribuição, para a melhoria deste, pois que a sugestão é talvez o principal medicamento, sem querermos, contudo, desfazer dos principios ativos dos remedios empregados, muitos dos quais, justamente através do indio, já chegaram á nossa farmacopéa. A crença no "pagé" é de tal maneira arraigada, que nós quando tratavamos de algum indio, por intermedio de injeções ou outro módo qualquer, éramos tido como "pagé" fortissimo que nem precisavamos bater "maracá" e cantar, para termos os espiritos agindo por nosso intermedio.

Geralmente as feridas provocadas por dilaceração do tecido superficial, oriundas de pancadas, golpes, etc. ou mesmo uma pequena dermatose, sáram sem tratamento algum e, quando muito, limitam-se os indios a pôr em cima um pó tirado da casca ralada do taperebaseiro; outras entretanto, como a "leishmaniose" ou a "ulcera fagedenica", requerem maiores cuidados e a primeira é tratada e sára em poucos días com aplicação de emplastos de fôlhas de "mucuracaá" (*Petiveria alliacea*), sendo estas antecipadamente piladas; tambem uzam por vezes o fruto do "Genipapo" (*Genipa americana*), enquanto verde, raspado e colocados esses fragmentos sobre a ferida. A "ulcera fagedenica" é sempre tratada com "Mastruço" (*Chenopodium ambrosioides*), tambem pilado e colocado em emplasto sobre a ferida; o resultado, pelo menos aparente é satisfatorio, pois a ferida sára em pouco tempo.

As doenças do aparelho respiratorio, têm uma grande variedade de remédios. É preciso frisar-se que jamais os remedios são compostos, isto é, cada portador de determinados principios ativos ou alcaloides, é empregado de sua vez, não se fazendo composições de varias ervas ou outros remedios e só se muda de medicamento quando o empregado não proporciona melhoras ao paciente.

Se bem que sejamos forçados a considerar a enorme importancia da superstição ou da sugestão na arte de curar dos nossos indios, não podemos entretanto subestimar os seus conhecimentos nessa mesma arte, principalmente no que conserne ao aproveitamento da nossa imensa flóra, podemos mesmo dizer, que o indio ségue até certo ponto a doutrina de Paracelsus, uzando para cada doença determinada herva.

Assim para tosse, bronquites e resfriados, é uzada a flôr do "Paudarco" (*Tecoma conspicua*), como chá; a fáva do "Cumarú" ou "Fava Tonca" (*Cumarona odorata*), sêca e, depois de pilada, posta de infusão em agua fervendo, que lógo que a esfriam, é bebida aos goles, espaçadamente, durante o dia.

Os principios ativos do "Cumarú", que o indio uza desde os primévos tempos, somente nestes ultimos anos entrou na farmacopéa

mundial e depois dos estudos de Hilditch e Sainsky, que verificaram conter o mesmo 13,2 de ácidos de C 20 a C 24 de alto peso molecular e de ação energética sobre os bacilos ácidos álcool resistentes.

O leite do "Amapá" (*Parahancornia potabile*) apocinacea muito comum nas matas da Guiana Brasileira, que não só dá um fruto comestível, como também produz um latex de magníficas propriedades medicinais, como constatamos varias vezes e que é usado pelos indios, bebendo-o puro, em mistura com mel de abelhas, ou com chá de Flores de Pau d'Arco, ou com o sumo das folhas novas do algodoeiro (brotos) que, murchas ao fogo, são depois piladas e espremidas, despreendendo um sumo de real valôr balsamico e de resultados satisfatórios nas hemoptises.

Ainda outros remedios de origem vegetal são usados, tais como a casca do "Jutaíseiro" (*Hymenacea courbaril*), em forma de chá e outros; não verificando para esses casos, nenhum remedio de origem animal ou mineral, o que aliás, esses indios pouco uzam.

Para o Paludismo ou Malaria, observamos possuirem esses indios um remedio de resultados surpreendentes. Não fazem contudo dêle muito uzo, dada a dificuldade de encontra-la na região em que habitam e sómente sêr facil a sua aquisição nos altos rios de difficil acesso, ao qual êles chamam, como aliás os indios "Caraíba" e "Tupí" da região:—Gongô, que submetemos ao exame do Instituto Oswaldo Cruz, tendo o illustre Dr. O. Peckolt, daquêle Instituto, assim se manifestado:—"Gongô, é o legitimo Pau Pereira (*Geissospermum vellosii*), da familia das Apocinaceas, que contem varios alcaloides importantes—Pereirina, Velosina, Geissospermina, etc., e principios amargos. A Pereirina foi preconizada por Domingos Freire, como anti-malarico".

Tambem uzam a raiz do "Mata Pasto" (*Cassia tora*) e a fava do "Cumarú" ou fava "Tonca", que atualmente está servindo a varios laboratorios, na composição de produtos anti-malaricos.

Tambem a' casca da "Carapanã-úba" (*Aspidosperma nitidum*), com o seu amargo caracteristico, é usado em chás.

Quando o pariukur se sente doente do figado e baço, serve-se em tão dos seguintes remedios:— "Pajamarioba" (*Cassia occidentalis*) ou o "Mata Pasto" acima citado, cujas raizes são trituradas e delas feitos chás, que são bebidos como aguas durante o dia. Tambem uzam, da mesma forma, a raiz do "Camapú", do qual é extraido o principio ativo denominado "Physalina", como uzam tambem as folhas da "Lingua de Vaca" (*Talinus patens*) e do tão nosso conhecido "Jambú", atravez do gostoso Tacacá, piladas e extraido o sumo que é misturado a qualquer chá ou água, a bebido duas vezes ao dia.

Como diuretico energico e altamente eficaz, uzam as folhas murchas de "Aninga" (*Montrichardia arborescens*) tambem em chás, bebido repetidas vezes ao dia.

Para dôres de estomago que eles dizem sempre serem dores no coração e, seja qual fôr a origem, uzam o chá da casca da "Sucuba" (*Plumiera sucuba*) e o mais interessante é que verificamos que pelo nosso interior e mesmo nas cidades, inclusive nesta capital, para ulceras estomacais, uzam como medicina caseira, este mesmo remedio.

Para as manifestações estreptococicas e estafilococicas, cutaneas, costumam aplicar sobre a parte afetada a seiva do "Ananin" (*Symphonia globulifera*) em mistura com uma pequena porcentagem de urina humana, isto para que se não dê a coagulação, permanecendo a parte sempre molhada, e o resultado, segundo verificamos, é satisfatorio.

Para as doenças intestinais, com disenteria, é uzado em chás o "Paricá" (*Schizolobium amazonico*), o "Marupá" (*Simaruba amara*) e geralmente colocados emplastos sobre o ventre, de cascas piladas do "Assacú" (*Hura crepitans*).

Nos casos de hemorroides, são uzados os dois remedios citados e mais os seguintes:—"Mangue" (*Rhizophora mangle*), cujas raizes novas e pendentes, são aparadas nas suas extremidades e postas dentro dagua, de um dia para o outro e depois bebida dita agua varias vezes ao dia. A fruta da "Anauerá" (*Licania macrophylla*-Benth.), a qual depois de aberta, é o seu conteúdo ralado e reduzido a pó que, varias vezes lavado, é deixado depositar dentro dagua, e esta finalmente escorrida. Resulta dali um amido branquissimo, que, seco é conservado para quando aparece a doença, sêr ministrado com agua, em pequenas porções, duas vezes ao dia.

Quando precisam de um purgativo, uzam como em muitos lugares do interior, as frutas do "Pião" (*Jatropha curcas*), torradas, descascadas, retirada a pelicula que envolve as amendoas e uma pequena pelicula que separa as duas bandas dessa mesma amendoa e que é considerada como venenosa.

As inflamações dos olhos, são sempre tratadas com cosimento de "Alfavaca" (*Ocimum gratissimum*), morno ou frio, ou de "Veronica" (*Dalbergia subcymosa*).

A verminose apesar de não sêr muito cuidada, é por alguns tratada com o latex da "Caxinguba" (*Ficus anthelmitica*), moracea esta que tambem tem as suas propriedades venenosas.

As manifestações parasitarias do couro cabeludo, são tratadas com o suco da "Herva de passarinho" (*Phthirusa theobromae*).

Qualquer hemorragia uterina, o que aliás é rarissimo, é tratada tambem com o chá da casca do "Paricá", ha pouco citado, para as doenças intestinais. Escapava-nos dizer que jamais a mulher pariukur provoca o abôrto e isto explica-se porque, uma vez que a sua posição social, se acha condicionada ao numero de filhos que tenha, tanto mais elevada será a posição social, quanto maior fôr o numero de filhos.

O abôrto só poderá sêr provocado, quando o "pagé" julgar isso necessario e o determinar, por questões de saúde ou outro motivo muitissimo sério; é então empregada uma beberagem, cuja composição não sabemos inteiramente, mas que léva as sementes de limão torradas e reduzidas a pó, tambem uzam para provocar o aborto a raiz da "Pajamarioba" atraz citada como remedio anti-malarico, sendo que as mulheres em estado de gestação a atacadas de malaria, não podem fazer uzo de tal remedio.

A tal beberagem á base de semente de limão que acima nos referimos, foi o unico remedio composto que conhecemos entre ditos indios.

O reumatismo, cujo fundo não constatamos, é tratado com o chá da casca do "Mururé" (*Brosimopsis acutifolia*) e do qual se estrai o alcaloide "murerina", que, em alguns casos, dá resultado e, tambem, com pimenta malagueta socada e misturada com oleo de "Andiroba" (*Carapa guianensis*), em fricções, sôbre a parte doente.

Nos raros casos de neurastenia sexual, é uzada a raiz do "Muirapuama" (*Ptychopetalum alacoides*), triturada e posta em infuzão em agua e depois bebida periodicamente, tendo entretanto o cuidado especial de escolher a planta pelo sexo, que deve estar de acôrdo com o da pesôa á qual vai servir (masculino ou feminino).

As hernias, são tratadas de uma maneira interessante:—racha-se em sentido do seu comprimento, um "Apuhyseiro" (*Ficus urostigma*) joven, faz-se o doente passar entre as duas bandas e depois, juntam-se as mesmas, ligando-as com cipós, para que venham a unir-se; após isso, emplasta-se a hernia, com o leite do mesmo "Apuhyseiro", e o doente sára. Tambem é costume fazer ferver em agua um pouco de couro de Peixe-Boi, até que se reduza a uma maça gelatinosa e com esta é emplastada a hernia, desaparecendo igualmente.

Isto já faz parte da cirurgia do "medico" pariukur e, para não nos alongarmos muito, diremos de mais uns dois casos.

Já nos referimos que, segundo crença dos indios —geralmente todos os indios—, pôde por um ato de feitiçaria sêr introduzido na carne, nos ossos, na cabeça, etc., insétos, espinhos, ossos, batatas de tajás, enfim, uma série de coisas que ocasionam a doença e a morte

da pessoa atingida; mas o "Iramrê" pôde curá-las e nas suas seções xamanísticas depois do cerimonial de canticos, chocalhar de maracá, defumações com os seus longos cigarros, coloca a boca em determinada parte do corpo do paciente e chupa essa parte, para depois cuspir sobre uma pasta de algodão espalmada sobre uma vasilha de barro, por exemplo, um prato.

O que vemos então? Lá está o inseto, o osso, o espinho ou qualquer outra coisa que provocava o sofrimento do doente.

É natural que acreditemos num ato de ilusionismo, porém tão bem praticado, que faria inveja ao maior ilusionista do mundo e nos deixa pensando... Talvez por sugestão, o doente fica bom.

Também quando o indio se sente com o organismo combalido por várias das enfermidades que lhe são peculiares, após o tratamento específico e em determinados casos, é habito, fazer o que êle chama IPARI', ou seja "arranjar o corpo" e que é:—o "iramrê", munido de um estilete de cristal de rocha, dar varios golpes na pele do convalescente, deixando sangrar um pouco e em seguida friccionar o local com sal de cosinha e pimenta malaguêta (não sabemos o que uzavam antes de conhecer o sal).

Observamos, de uma feita, algo que nos deixou seriamente impressionados e, relatando-o, não iremos além do que observamos, por termos ficado sem compreender, nem poder formular uma hipotese. Foi o seguinte:—um indio gritava com dôr de dente; chamaram portanto o "pagé". Este, chegando, mandou que o paciente se deitasse e abrisse a bôca. Depois de várias palavras cabalísticas, pronunciadas em lingua para nós desconhecida, pois que não éra o pariukur, soprou por tres vezes a fumaça do seu cigarro, conservada na sua propria bôca, dentro da bôca do paciente. Ao terminar essa intervenção, a dôr havia passado. O mais estupendo, o mais incompreensível porém foi, no dia seguinte, o dente que na vespera apresentava apenas um pequeno orificio, achando-se solidamente preso, largar aos pedaços ao simples contato dos dedos, saindo assim com toda a raiz.

Muitos são ainda os metodos de tratamento de varias doenças entre os indios pariukur, entretanto, já nos alongamos bastante e acreditamos assim ter dado uma idéia de como no setor da saúde, êsses nossos irmãos lutam como nenhum outro povo, ferozmente, heroicamente, pela conservação da especie.

E talvez ainda um dia, a nossa medicina, abeberando-se em seus conhecimentos, possa trazer, para bem da humanidade, alguma coisa mais, ensinada por esse eterno caluniado—o indio brasileiro.